

A presença do romance na Formação da literatura brasileira*

Fernando C. Gil
Universidade Federal do Paraná

Resumo: *O presente artigo busca traçar as linhas de força com que Antonio Candido, na obra Formação da literatura brasileira, examina o surgimento do romance em nossa experiência literária. Num primeiro passo, tenciona-se caracterizar estas linhas relacionando-as às proposições mais gerais que sustentam a noção de sistema literário como peculiaridade da formação histórico-literária brasileira. Num segundo, discutem-se algumas implicações teóricas na abordagem da Formação, mais particularmente as relações entre a idéia de literatura extensiva e regionalismo.*

Palavras-chave: *Antonio Candido, Formação da literatura brasileira, forma romance*

*. Este artigo faz parte da pesquisa, em curso, *Experiência Rural e a Formação do Romance Brasileiro (II): o estatuto do narrador, a representação dos homens pobres e livres e a violência do processo*, financiada pelo CNPq. Registre-se também que o presente trabalho teve a colaboração de Ewerton de Sá Kavinski, aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR.

O livro *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido, é uma daquelas raríssimas obras de crítica e de história da literatura a merecer atenção sistemática no âmbito dos estudos literários brasileiros. Para além das efemérides das datas comemorativas ou da importância do papel do seu autor na vida intelectual e acadêmica no Brasil, o que parece ainda mobilizar o interesse é mesmo a força das formulações ali elaboradas ao longo de mais ou menos dez anos. Força esta cujas variadas dimensões do seu rendimento crítico, como já foi observado, apenas agora começam a ser compreendidas, debatidas e questionadas com a devida atenção.¹

No momento não se tem a intenção de discutir em conjunto os aspectos pelos quais *Formação da literatura brasileira*² se põe ainda hoje no centro do debate sobre a literatura brasileira. Nosso objetivo é bem menos ambicioso, mas não menos arriscado, sob certo ponto de vista. Objetiva-se destacar alguns ângulos em torno do modo como a forma romance ingressou em nossa experiência literária a partir da perspectiva estabelecida na *Formação*. Por outro lado, o risco desta empreitada pode se refletir na intenção de destacar parte da obra que é integrante de um todo mais complexo, a despeito do caráter pouco ostensivo dos liames teórico-metodológicos que conectam as diversas partes deste livro e definem o seu movimento. A discrição do aparato teórico-conceitual é propositadamente uma das características da *Formação*, em geral, e do percurso crítico do seu autor em particular. Na aparente “frouxidão” teórica da obra é que pretendemos enfatizar algumas das linhas de força dominantes a respeito da entrada do romance em nosso sistema literário.

Talvez não seja equivocado se dizer que, no bojo das formulações de *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido tenha concebido uma espécie de teoria do romance brasileiro, em seu período formativo. Isto é, está delineada na *Formação* uma tentativa de apreensão e compreensão das condições de transplantação/formação de um gênero específico na dinâmica mesma da

1. SCHWARZ. *Sequências brasileiras*, p. 46.

2. Para uma leitura de conjunto da obra *Formação da Literatura brasileira*, vale destacar os ensaios “Os sete fôlegos de um livro”, de Roberto Schwarz (*Sequências brasileiras*) e “Formação hoje – uma hipótese analítica, alguns pontos cegos e seu vigor”, de Luís Augusto Fischer (*Literatura e sociedade*, p. 164-185.) Numa chave crítica diferente destes dois autores, mas também numa visada de conjunto da *Formação*, ver ainda o ensaio “O cânone como formação: a teoria da literatura brasileira de Antonio Candido”, de Abel Barros Baptista (*O livro agreste*).

constituição de uma literatura propriamente dita no país. Neste sentido, interessa-nos entender, por um lado, como as grandes linhas de força que Antonio Candido destaca como formadoras do sistema literário brasileiro, no seu conjunto, se articulam à transplantação/formação do romance no Brasil; por outro, pretende-se examinar algumas implicações teóricas no modo como a *Formação* compreende o ingresso da forma romance em nossa experiência literária, e mais particularmente a relação do que Antonio Candido denomina de *literatura extensiva* e o regionalismo.

O romance e a perspectiva formativa

Dos dezessete capítulos que compõem a *Formação da literatura brasileira*, três deles são dedicados exclusivamente à ficção em geral e ao romance em particular. São eles: “Aparecimento da ficção”, “O triunfo do romance” e “A corte e a província”. Esses capítulos indicam que o romance surgiu em nosso horizonte literário no romantismo; o que implica dizer que, num certo sentido, trata-se de um gênero que ingressou em nosso campo literário um tanto tardiamente, se considerarmos o seu aparecimento nas diversas literaturas européias.

Segundo Antonio Candido, o elemento que pautou o romance desde o seu surgimento no romantismo foi o *nacionalismo literário*. Como tendência, o romantismo-nacionalista foi, ao mesmo tempo, um recurso estético e também ideológico; e fez do “romance verdadeira forma de pesquisa do país”.³ Com o romance, explica Candido,

a nossa vida intelectual encontrou nisto um elemento dinamizador de primeira ordem, que contribuiu para fixar uma consciência mais viva da literatura como estilização de determinadas condições locais. O ideal romântico-nacionalista de criar a expressão nova de um país novo encontra no romance a linguagem mais eficiente. Basta relancear em nossa literatura para sentir a importância deste, mais ainda como instrumento de interpretação social do que como realização artística de alto nível. Este alto nível, poucas vezes atingido; aquela interpretação, levada a efeito com vigor e eficácia equivalentes aos dos estudos históricos e sociais.⁴

3. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 432.

4. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 432.

A esta função central – de instrumento de descoberta e de interpretação – que o romance passa a ter sobretudo a partir dos anos 40 do século XIX, nos termos formulados por Candido, corresponde uma conjugação diversa, e ao mesmo tempo convergente, de fatores literários e sociais. O primeiro deles se refere a uma premissa básica do caráter formativo do sistema literário brasileiro, segundo a qual a noção de literatura empenhada é uma das características essenciais, no sentido da importância da “tomada de consciência’ dos autores quanto ao seu papel, e à intenção mais ou menos declarada de escrever para a sua terra, mesmo quando não a descreviam”. Nos termos ainda do autor, literatura interessada “no intuito dos escritores ou na opinião da crítica, para a construção duma cultura válida para o país. Quem escreve, contribui e se inscreve num processo histórico de elaboração nacional”.⁵ Assim sendo, a idéia do romance como instrumento de interpretação social do país tem muito da postura empenhada a que os nossos escritores atribuíram a si mesmos.

Um segundo fator se relaciona com a própria característica da forma romance, comparativamente mais “objetiva” e “analítica” em relação aos outros gêneros até então dominantes em nossa literatura. “Mais ou menos equidistante entre a pesquisa lírica e o estudo sistemático da realidade”, o romance “opera a ligação entre dois tipos opostos de conhecimento; e como vai de um pólo ao outro, na gama das realizações, exerce atividade inacessível tanto à poesia quanto à ciência”.⁶ Com sua maleabilidade formal, com a amplitude e largura do seu âmbito, a realidade elaborada por ele “guarda intacta a sua verossimilhança externa, fecundado-a interiormente por um fermento de fantasia, que a situa além do cotidiano – em concorrência com a vida”.⁷ Entre o “senso do concreto” e a “transfiguração da realidade”,⁸ a “forma objetiva” que predomina na configuração deste gênero faz com que o discurso romanesco se torne o instrumento que irá engendrar uma *visão do país*.

Não podemos deixar de destacar que a centralidade que o romance adquire, do ponto de vista formativo, se faz em linha de continuidade com a predominância do discurso literário em nossa vida mental e cultural. O vigor e a

5. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28 e 20, respectivamente.

6. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 429.

7. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 429.

8. As expressões são do próprio Antonio Candido no ensaio “Literatura de dois gumes”. In: *Educação pela noite*, p. 168.

eficácia equivalentes aos dos estudos históricos e sociais que Antonio Candido entrevê no romance romântico dizem respeito ao modo como a literatura se transformou em elemento, num só passo, substitutivo e compensatório à fraqueza de outras formas de conhecimento que se viram impedidas de desenvolvimento no país. Situamos aqui um terceiro fator que diz respeito à rarefeita divisão social do trabalho intelectual. Esta se reflete na precariedade da existência de instituições formadoras de uma cultura acadêmico-científica e, por extensão, na formação do trabalho especializado no período. No caráter “onívoro”⁹ que a literatura passa a ter em função desta deficiência histórica congênita num contexto de país periférico e dependente, com estado nacional recém-formado, o romance como gênero é capaz de incorporar em si a matéria heterogênea que compõe o país, o sentimento nacionalista que a nação recém-formada solicita e também o espírito historicista da época. Daí por que, nota Candido, “um Alencar ou um Domingos Olímpio eram, ao mesmo tempo, o Gilberto Freyre e o José Lins do Rego de seu tempo; a sua ficção adquiria significado de iniciação ao conhecimento da realidade do país”.¹⁰

Assim, num país de pouca complexidade social, pouco urbanizado, e necessitado de auto-afirmação e de conhecimento de si, o romance emerge como *literatura extensiva*, como exploração de dimensões diferentes do país, conforme assinala o nosso autor:

Por isso mesmo, o nosso romance tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar todo o país. Talvez o seu legado consista menos em tipos, personagens e enredo do que em certas regiões tornadas literárias, a seqüência narrativa inserindo-se no ambiente, quase se escravizando a ele. Assim, o que se vai formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social. Esta vocação ecológica se manifesta por uma conquista progressiva do território. Primeiro, as pequenas vilas fluminenses de Teixeira e Sousa e Macedo, cercando o Rio familiar e sala de visitas, do mesmo Macedo e Alencar, ou o Rio

9. A expressão é de Antonio Candido no ensaio “Literatura e Cultura de 1900 a 1945”. Na parte 5 do referido texto o crítico analisa as razões da literatura como “fenômeno central da vida no espírito” e também a perda desta centralidade a partir dos anos 40 do século XX no Brasil. In *Literatura e sociedade*, p. 136.

10. CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 136.

popular e pícaro de Manuel Antonio; depois, as fazendas, os garimpos, os cerrados de Minas Gerais, com Bernardo Guimarães. Alencar incorpora o Ceará dos campos e das praias, os pampas do extremo sul; Franklin Távora, o Pernambuco canavieiro, se estendendo pela Paraíba. Taunay revela Mato Grosso; Alencar e Bernardo traçam o São Paulo rural e urbano, enquanto o naturalismo acrescenta o Maranhão de Aluisio e a Amazônia de Inglês de Sousa.¹¹

Sob este aspecto, a matéria do romance se organizou em três graus diferentes, conforme o espaço em que se desenvolve a narrativa: cidade, campo, selva. A ficção de José de Alencar se infiltrou pelos três, sendo ele a figura dominante do período.¹²

Se tal empenho corresponde a uma “tomada de consciência”, no plano literário, do espaço geográfico e social de um país de formação histórica diversa, ele sinaliza, de outra parte, a baixa densidade literária/espiritual deste romance. O contraponto, como se sabe, é o romance francês, por exemplo, no qual, nesse mesmo período, já figura a complexidade, o embate, os desejos, as aspirações e as frustrações dos grupos sociais diversos já amadurecidos ao longo da experiência social centrada no mundo burguês moderno. Ponto alto da produção ficcional desta época são as “pesquisas psicológicas”, ou seja, o “romance psicológico”. Tais pesquisas “consistem, principalmente, em recusar o valor aparente do comportamento e das idéias, em não aceitá-los segundo a norma que lhes traçam o costume, ou os seus desvios mais freqüentes”.¹³ Para Antonio Candido, que aqui segue o juízo de valor estético feito por Lúcia-Miguel Pereira em *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*, é esta experimentação com o personagem que “o torna tão vivo e próximos da nossa vida profunda, na qual vai provocar estremecimentos de atos virtuais, de pensamentos sufocados, de toda uma fermentação obscura e vagamente pressentida”.¹⁴

Estamos, no entanto, ainda longe das “vertigens do abismo” que Candido considera o sinal de maturidade de uma literatura e que, no nosso caso, se dará com a entrada em cena de Machado de Assis, espécie de ponto de fuga de

11. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 433.

12. CANDIDO, *Formação da literatura brasileira*, p. 433.

13. CANDIDO, *Formação da literatura brasileira*, p. 529.

14. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*. p. 529.

nossa formação romanesca, e mais particularmente na sua chamada segunda fase. No romance brasileiro que apenas engatinha, “riqueza e variedade foram buscadas pelo deslocamento da imaginação no espaço, procurando uma espécie de exotismo que estimula a observação do escritor e a curiosidade do leitor”.¹⁵ Trata-se, assim, de um romance sobretudo descritivo e de costumes cujo eixo principal, o nacionalismo literário, encontra no indianismo e no “exotismo” do regionalismo seu fluxo mais manifesto, ao mesmo tempo em que estes dois últimos fatores funcionam como “ampliação de um limitado ecúmeno literário”.¹⁶

Observe-se, no entanto, que não se está diante da formulação de um nacionalismo aplainado, unilinear, estabelecido de uma vez por todas. Ao contrário, o ponto de vista de Candido está sempre a espreitar o movimento das coisas mesmo ali onde tudo parece água parada. Sob este aspecto, o nacionalismo do período formativo do romance brasileiro não vai sem certo grau de dilaceração a que o autor denomina de *sentimento de dupla fidelidade* dos nossos romancistas: de um lado, matéria local, como nos casos mais evidentes do indianismo e do regionalismo; de outro, “apelo constante ao padrão europeu, que sugeria situações inspiradas por meio social mais rico, e fórmulas amadurecidas por uma tradição literária mais refinada”.¹⁷ O coração solicitava a atenção à realidade local, enquanto a mente pedia a moda prestigiada e maturada dos modelos franceses e portugueses. Este sentimento de dupla fidelidade dos ficcionistas brasileiros se insere em linha de continuidade com outra das premissas constitutivas do nosso sistema literário, de longa duração, que é aquela que pretende “estudar a formação da literatura brasileira como síntese de tendências universalistas e particularistas”.¹⁸ A constituição da forma romance tenciona ser apreendida, também na sua vertente nacionalista, na *dialética do localismo e do cosmopolitismo* cujos estágios e combinações são os mais variados ao longo do tempo.

15. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 434.

16. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 436.

17. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 436.

18. CANDIDO, *Formação da literatura brasileira*, p. 25.

Três momentos do processo formativo

A partir deste balizamento teórico-formativo, aqui apenas esquematizado, podemos dizer ainda que Antonio Candido divide a evolução do romance brasileiro, nesse momento, em três etapas diferentes. A primeira é estabelecida entre os anos de 1843 e 1857. É o momento em que se adere à convenção folhetinesca e surgem o senso de urdidura, ainda que fraco, do episódio e a descrição dos costumes, forma elementar de estudo do homem na ficção. Nela situam-se autores que conjugam esses elementos de maneiras diferentes, como Pereira da Silva, Teixeira e Sousa e, num ponto mais evoluído, Joaquim Manuel de Macedo.

A obra de Joaquim Manuel de Macedo se destaca, nesse primeiro grupo, a despeito do conformismo aos “padrões mais próprios à concepção romântica”, por um diferencial: o aparecimento do enquadramento social.¹⁹ É com Macedo que a prosa de ficção adere à realidade local de maneira mais programática, pois incorpora certa parcela da sociedade carioca ao mundo ficcional, a burguesia ascendente: “O pequeno valor literário de sua obra é principalmente social, pelo fato de ele se ter esforçado para transpor a um gênero novo entre nós os tipos, as cenas, a vida de uma sociedade em fase de estabilização”.²⁰ Por isso, o que parece mais louvável na obra de Macedo, segundo Antonio Candido, é aquilo que o crítico denomina de *pequeno realismo*:

Se de um lado este pequeno realismo restringe a observação, limitando o seu alcance ao que fica dentro de um certo raio, de outro proporciona aos seus romances um substrato mais ou menos tangível e sólido, que as próprias fugas do devaneio romântico não dissolvem inteiramente – ao contrário do que se dá com Teixeira e Sousa, homem sombrio e pouco comedido.²¹

A segunda etapa, que vai de 1857 até 1872, daria seguimento a essa tendência de adesão à realidade local renunciada pela obra de Macedo. Esse período pode ser entendido como o momento em que a forma romance sofre um *processo de depuração* graças, principalmente, ao trabalho de José de Alencar, a

19. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 441.

20. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 454.

21. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 455.

figura principal desse grupo, e, em plano mais modesto, às obras de Bernardo Guimarães e Manuel Antonio de Almeida. São eles os responsáveis por superarem, no plano ficcional, certas limitações de seus predecessores, quais sejam: adesão à convenção literária folhetinesca; imaginação limitada por essa adesão; falta de dimensão artística, devida principalmente à prevalência da peripécia e à ausência de dimensão psicológica ou senso de humanidade.

Na perspectiva da *Formação*, a obra de Alencar representa o paradigma desse processo de depuração. Com efeito, é com ele que o aprofundamento psicológico, a capacidade de imaginação e o senso de humanidade tomam forma mais definida no romance brasileiro. Os dois últimos traços são produtos diretos do indianismo e do regionalismo, respectivamente. O indianismo, introduzido triunfalmente no romance por Alencar, foi, para Antonio Candido, “a oportunidade para corrigir a falta crônica de imaginação em nossa literatura, devida a tantos fatores pessoais e sociais”.²² Neste sentido, Alencar inaugura, não só no romance indianista, uma prosa com um lastro imaginativo, fabulador, sem precedentes entre seus contemporâneos. É com Alencar que entra em cena no romance brasileiro a boa imaginação – aquela que é saudável e não limitadora, porque problematiza ou porque não se vincula unicamente ao convencionalismo de escola. O regionalismo, por sua vez, conseguiu a partir das penas de Alencar e Bernardo Guimarães registrar certa dimensão humana do homem na terra brasileira, ainda que de maneira superficial.

Além do senso de humanidade e do poder de imaginação, uma das principais contribuições de José de Alencar para o momento formativo do romance brasileiro parece estar na maior acuidade psicológica das personagens. Com Alencar se teria a imbricação de duas características fundamentais do romance moderno: a adesão à realidade social e a análise psicológica. Nas palavras de Candido:

Mais importante, todavia, do que os ambientes, são as relações humanas que estuda em função deles. Como em quase todo romancista de certa envergadura, há em Alencar um sociólogo implícito. Na maioria de seus livros, o movimento narrativo ganha força graças aos problemas de desnivelamento nas posições sociais, que vão afetar a própria afetividade dos personagens. As posições sociais, por sua vez, estão ligadas ao nível

22. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira* p. 528.

econômico que constitui preocupação central nos seus romances da cidade e da fazenda. [...] o conflito da alma dos protagonistas com as possibilidades materiais é básico no encaminhamento da ação.²³

A terceira e última fase se estabelece entre 1872 e 1880, e nela comparece o regionalismo de Franklin Távora e de Visconde de Taunay. É referida também a presença de Machado de Assis, com a sua produção que vai de *Ressurreição* (1872) a *Iaiá Garcia* (1878), a qual, porém, como se sabe, não é abordada na *Formação* – Machado é um espectro que ronda todo o livro, e mais particularmente o momento do aparecimento do romance em nosso sistema literário. Esta última etapa nada traz de novo como tema. Entretanto, ela não deixa de ser menos importante na medida em que dá prosseguimento – num, diríamos, segundo processo de depuração – às linhas que já vinham se definindo nas duas etapas anteriores, ao dar refinamento à análise, sentido ao regionalismo, fidelidade à observação e naturalidade à expressão.²⁴

O regionalismo de Franklin Távora acentuou, pelo seu tom programático, o *senso da terra*. E isso se deu porque, como nota Antonio Candido, há “uma vivência regional, uma interpenetração da sensibilidade com a paisagem geográfica e social do Nordeste”²⁵ na obra de Távora, a qual caracterizaria, por sua defesa à “fidelidade documentária e orientação social definida” em literatura, certa reação “aos aspectos mais arbitrários do idealismo romântico”.²⁶ Já na de Taunay se encontra a observação, produto de “uma rica experiência de guerra e sertão”, combinada, por depuração, com uma “sensibilidade e cultura”,²⁷ que seria plasmada harmoniosamente na forma *romance*: “é única entre nós, naquele tempo, a insistência com que passou a vida [...] elaborando sem cessar a própria experiência.”²⁸ Nesse sentido, Távora, apesar de “sua imperícia e carência estética”,²⁹ e Taunay, com mais refinamento e consciência artísticos, têm o mérito de consolidar o lastro

23. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 540.

24. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 611-612.

25. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 615.

26. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 611.

27. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 623.

28. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 623.

29. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 618.

de concretude por meio da apropriação do território nacional pela ficção, função fundamental desempenhada pelo romance na perspectiva de Candido.

Menos do que divisões cronológicas de obras e autores para cuja arbitrariedade e insuficiência o próprio autor chama atenção, a despeito da sua necessidade do ponto de vista da história literária, o que parece estar no centro do pensamento de Antonio Candido é o modo como a forma romance foi se tornando complexa ao longo desse período em estudo, seja pela incorporação de matéria cada vez mais abrangente, seja pelo refinamento dos procedimentos expressivos. Num caso e noutro, Alencar é o cume deste processo; Machado, sua consolidação.

Sem querer forçar a nota, o modo como o autor de *Literatura e Sociedade* põe em movimento explicativo o processo formativo do romance brasileiro faz ressoar o materialismo histórico presente em Marx e Engels de *A ideologia alemã*, no qual acumulação de forças materiais, em seus mais diversos níveis, e transformação definem o ritmo do processo histórico. Criticando a visão idealista da história e o papel que a revolução desempenha na concepção materialista da história, assim observam os dois autores alemães:

Ela [a revolução] mostra que a história não termina resolvendo-se na “Consciência de Si” como “espírito do espírito” mas que nela, em todos os estádios, se encontra um resultado material, uma soma de forças de produção, uma relação historicamente criada com a natureza e dos indivíduos uns com os outros que a cada geração é transmitida pela sua predecessora; uma massa de forças produtivas capitais e circunstâncias que, por um lado, é de fato modificada pela nova geração, mas que por outro lado também prescreve as suas próprias condições de vida e lhe dá um determinado movimento, um caráter especial – mostra, portanto, que as circunstancias fazem os homens como os homens fazem as circunstâncias.³⁰

Como resultado material, como uma soma de forças de produção e uma relação historicamente criada é também como Antonio Candido compreende e aborda metodologicamente a evolução da forma romance do período formativo. Do ponto de vista da explicitação das premissas deste enfoque, é na ponta mais avançada do sistema literário prestes à consolidação, com o aparecimento da obra de Machado de Assis, que Antonio Candido enuncia o modo como esta “massa de

30. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã e teses sobre Feuerbach*, p. 49.

forças produtivas” é transmitida (acumulada) pela geração predecessora e, ao mesmo tempo, transformada pela seguinte. Curiosa e propositadamente, como se sabe, o nosso ensaísta não desdobra, no caso de Machado, a premissa em análise. Mas anotemos a proposição geral que nos parece, em boa parte e à sua maneira, como ressonância/impregnação da obra de Marx e Engels:

Se voltarmos porém as vistas para Machado de Assis, veremos que esse mestre admirável se embebeu meticulosamente da obra dos predecessores. A sua linha evolutiva mostra o escritor altamente consciente, que compreendeu o que havia de certo, de definitivo, na orientação de Macedo para a descrição de costumes, no realismo sadio e colorido de Manuel Antonio, na vocação analítica de José de Alencar. Ele pressupõe a existência dos predecessores, e esta é uma das razões da sua grandeza: numa literatura em que, a cada geração, os melhores recomeçam *da capo* e só os mediocres continuam o passado, ele aplicou o seu gênio em assimilar, aprofundar, fecundar o legado positivo das experiências anteriores. (...)

Sob tal aspecto, é o herdeiro de Macedo, Manuel Antonio, Alencar, que foram no romance os seus mestres e inspiradores. (...) A sua aparente singularidade se esclarece, para o historiador da literatura, na medida em que se desvendam as suas filiações e, para o crítico, quando as liga ao talento peculiar com que fecundou a fórmula do romance romântico, acrescentando à apresentação realista das relações sociais urbanas uma profundidade analítica, inacessível à bonomia de Manuel Antonio, mas pressentida pelo Alencar de *Senhora* e *Lucíola*, no qual se entronca diretamente.³¹

Acumulação e transformação da matéria e das forças materiais que engendram a forma romance, visto como “resultado material”, parecem ser a chave para entender a perspectiva crítica de Candido ante o desenvolvimento da forma romance no Brasil. Não nos escape também que este movimento é todo ele – aqui apreendido no aspecto específico da forma romance – a própria caracterização da noção de sistema literário no que este é entendido como “a formação da continuidade literária”: “uma tradição no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar”.³²

31. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 436-437.

32. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 25-26.

Algumas implicações teóricas: literatura extensiva e regionalismo

Posto isto, gostaríamos de examinar algumas implicações da abordagem de Antonio Candido, particularmente em relação a uma das noções centrais para a perspectiva da *Formação*: a de *literatura extensiva*. Como se viu, a idéia de literatura extensiva resulta de fatores diversos e convergentes, mas fundamentalmente do fato de o romance, no Brasil, se tornar uma espécie de “instrumento de descoberta e de interpretação” do país numa sociedade pouco complexa e na qual o romancista tomava a peito a missão de fantasiar e de refletir sobre o Brasil. Pouca densidade social e literário-institucional, parca divisão social do trabalho e ímpeto de compreender e, sobretudo, de dar um rosto civilizatório, identitário e cultural ao país, por parte dos nossos escritores, no bojo do nacionalismo romântico, parecem estar no cerne desta categoria.

Sem querer de modo algum deslocar estes fatores do centro do contexto do qual emerge o romance no Brasil, interessa-nos relacionar a noção de *literatura extensiva* a outro aspecto apenas lateralmente destacado por Antonio Candido. A certa altura de suas formulações, o autor faz referência às implicações de o Brasil ser “um país caracterizado por zonas tão separadas, de formação histórica diversa”.³³ A hipótese que talvez mereça aprofundamento está relacionada com o fato de a noção de literatura extensiva poder estar vinculada de modo mais profundo às formações regionais diversas no Brasil. O conceito de *literatura extensiva* deriva de um pressuposto fundamental da *Formação* segundo o qual o nosso autor propõe a se “colocar deliberadamente no ângulo dos nossos primeiros românticos e dos primeiros críticos estrangeiros”, os quais “conceberam a literatura do Brasil como expressão da realidade local e, ao mesmo tempo, elemento positivo na construção nacional”.³⁴ Ao se pôr no ângulo da velha perspectiva “cheia de equívocos”, como salienta o próprio autor, revendo-a com os olhos do presente (ou seja, do final dos anos 50, se consideramos o ano de publicação da obra), Antonio Candido sugere dar mais ênfase ao modo como a forma romance evoluiu como espécie de visão geral e, diria, unificada – “elemento positivo na construção nacional”. Em outras palavras, a idéia de que o “nosso romance tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar o país” (*literatura extensiva*) está subsumida, sobretudo, à

33. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 434.

34. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 27.

compreensão de que os nossos escritores românticos “se achavam possuídos, quase todos, de um senso de missão, um intuito de exprimir a realidade específica da sociedade brasileira”.³⁵

Como se disse acima, sem desconsiderar a relevância deste ponto, penso que um outro fator tão determinante quanto o apontado por Antonio Candido e que permite que, retrospectivamente, se possa reler a ficção do XIX como extensiva, mas numa clave e numa ênfase um pouco diferenciada, é a compreensão de que a formação regional histórica diversificada do país e, por consequência, a sua formação literária e cultural, não menos variada e heterogênea, estava se pondo desde o século XIX. Diversidade embrionária, diga-se, mas que ganha corpo, voz e visibilidade pública a partir dos anos de 1870.

Parece claro que esta percepção não deixa de acompanhar a *Formação* e se traduz na importância que o nosso autor atribui ao regionalismo romântico, bem como à presença mais propriamente analítica, em relação a esta matéria, no último capítulo dedicado à ficção, intitulado “A corte e a província”. O que gostaria de salientar, entretanto, é que a visada crítica de Candido tem, propositadamente, um andamento unificador, ou seja, busca ver como se constituiu a literatura propriamente dita e, no caso do romantismo, como ela se estribou numa estética e numa ideologia nacionalista, particularmente no romance. Neste sentido, o regionalismo é visto, por um lado, predominantemente como uma manifestação particular do espírito geral que pautou a ideologia do nacionalismo-romântico; por outro, é visto como “uma espécie de exotismo que estimula a observação do escritor e a curiosidade do leitor” – aquela riqueza e variedade que é buscada “pelo deslocamento da imaginação no espaço”³⁶ numa sociedade que é compreendida como pouco complexa e com sede de autodescoberta e de auto-investigação, em suma, de pesquisa de si mesma.

Com isso, se não estou enganado, o regionalismo é visto sobretudo como decorrência, como consequência, e não como parte integrante ou uma das facetas do próprio modo do sistema literário se configurar como processo histórico. Dito em outras palavras, “as zonas tão separadas, de formação histórica diversa”, bem captadas por Antonio Candido, não chegam, todavia, a se constituir como elemento objetivo e, por assim dizer, com certo grau de autonomia e, ao mesmo

35. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

36. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 432.

tempo, integrador da dinâmica do próprio sistema literário do país. Elas não chegam, para a perspectiva de Candido, a se configurar como estruturas (ou subestruturas) que fazem parte do mecanismo de funcionamento e compreensão do todo que o autor cria e apreende sob a rubrica de sistema literário. Note-se que é a entrada em cena da forma romance que faz com que esta emerja como índice/expressão que aponta que a própria configuração do sistema literário engendra, num processo de constituição recíproca entre o todo e as partes, formações regionais heterogêneas. Trata-se, na verdade, de um movimento de mão dupla na medida em que o próprio sistema como um todo vai se rearranjando e se modificando conforme o movimento e o andamento das partes.

Posto assim, parece de fato um pensamento em abstrato, “hipotético”, pouco materialista, cuja consistência e real dimensão histórica somente podem ser demonstradas no estudo caso a caso das relações entre sistema literário e formações regionais.³⁷

De qualquer maneira, e apenas para ilustrar o que parece estar em jogo aqui, interessa-nos, entre outras coisas, não perder de vista posições como aquela deliciosamente debochada do narrador – mas nem por isso menos evidente de um problema real – d’*O índio Afonso*, de Bernardo Guimarães, na primeira parte da história, quando se dirige às suas leitoras. Penso que vale a longa transcrição:

Bem quisera eu fazer-vos passear em companhia de meus personagens por uma enfiada de magníficos salões dourados, pisando em ricos e mimosos tapetes, no meio da mais polida e perfumada sociedade do mundo, ou embaladas em macios *coupés* a trote largo, através de ruas e praças de uma esplêndida cidade, ou por entre alamedas de um suntuoso jardim, aspirando os aromas dos lilases, asfodélias, e cinamomos, ou mesmo em algum vagão de primeira classe, varando distâncias enormes com rapidez vertiginosa, visitando cidades monumentais, percorrendo países de lindas tradições romanescas, juncados de prodígios de arte antiga e moderna, ou...

37. Para não ocultar que os problemas e os desafios práticos e teóricos de tal empreitada não são de pouca monta, teríamos que nos deparar com o que se entende por “formações regionais” para o período em estudo: quais são elas, quais os critérios para entendê-las como tal etc. De qualquer maneira, penso que somente uma pesquisa deste porte, que ainda está por se fazer, é capaz de levar adiante o caráter materialista e de alto rendimento crítico da noção de sistema literário elaborado por Antonio Candido para a compreensão da literatura brasileira.

Bem quisera eu muita cousa, mas não me é possível.

(...)

E isso não me é possível, já o disse. A minha musa é essencialmente sertaneja; sertaneja de nascimento, sertaneja por hábito, sertaneja por inclinação.

E pois não tenho remédio senão levar-vos comigo pelas broncas e selvosas ribanceiras do caudaloso Parnaíba, através de espessas matas, ouvindo apenas o zunido da ventania pela cabeleira desgrenhada das bravias matas, e o ronco das cachoeiras pela quebrada das penedias, cuja enfadonha monotonia não deixa contudo de ser de quando em quando disfarçada pelos urros formidáveis de alguma sussurana, ou pelo bramido surdo que solta o sucuri no fundo das águas, quando ouve nos céus o rolar do trovão.

E, o que é pior ainda, não tenho remédio senão levar-vos a conviver por algumas horas com uma súa de caboclos quase selvagens, sem tintura de civilização, descalços e de chapéu de couro, tendo por único ornato uma comprida faca na cintura e um enorme cigarro na boca.³⁸

Para além, mas também no compasso galhofeiro de que o narrador se utiliza para apresentar a sua matéria supostamente rebaixada ante a *finesse* de suas leitoras, intenta-se sublinhar como a matéria, por assim dizer, sertaneja se apresenta como incondicional, como elemento que configura *indescartavelmente* a instância narrativa e, em especial, o mundo que necessita ser enunciado logo a seguir. A matéria sertaneja, rural, local, regional, ou que nome se queira dar, é sobretudo e destacadamente aquela matéria artística não informe de que nos fala Roberto Schwarz:

é historicamente formada, e registra de algum modo o processo social a que deve a sua existência. Ao formá-la, por sua vez, o escritor sobrepõe uma forma a outra forma, e é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada – em que imprevisível dormita a História – que vão depender profundidade, força, complexidade dos resultados.³⁹

“A força da matéria preformada na qual dormita a história” sugere estar em correlação direta com a idéia de Marx segundo a qual, na produção social

38. GUIMARÃES, Bernardo. O Índio Afonso. In *Quatro romances*, p. 363-364.

39. SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*, p. 31.

da própria vida, “os homens contraem relações determinadas, necessárias e independente de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais”.⁴⁰

É neste sentido que a *musa sertaneja* para Bernardo Guimarães não pode ser vista como mero artifício pitoresco, exótico, dado à sofreguidão e saciedade do leitor culto e cidadão. O fato de ela ser sertaneja por nascimento, por hábito e por inclinação não é *somente* posição estratégica da instância narrativa definida no pólo da recepção, mas também, e muito, uma expressão de algo incontornável, daquela matéria preformada, produzida no bojo de “relações determinadas, necessárias e independente da vontade” dos homens.

Nesta altura, e para encerrar, permitiríamos-nos certa inflexão na equação de Candido: podemos dizer que *literatura extensiva* por orientação ideológica nacionalista e de público, sim, e também por senso do empenho dos nossos escritores numa sociedade com divisão social do trabalho não tão complexa; mas *extensiva também porque é regionalmente variada e diferenciada do ponto de vista da formação histórica e literária*. Variação e diferenciação estas que, desde o período formativo do nosso romance, pedem passagem no imaginário literário e cujos impasses e irresoluções estéticas no plano da forma ao mesmo tempo que dizem respeito, por um lado, ao problema da configuração do romance no Brasil no seu todo; por outro, referem-se à peculiaridade de parte de sua matéria (regional? rural? local?) que está ainda por pedir um capítulo à parte.

The presence of novel in *Formação da Literatura Brasileira*

Abstract: This article aims to map the main force lines with which Antonio Candido, in Formação da literatura brasileira, examines the rise of novel in Brazilian literature. At first, this article aims to pinpoint these lines and relate them to the statements which structure the concept of literary system. Then, it aims to discuss some theoretical implications of the critical perspective in Formação da literatura brasileira, focusing attention to the relationship between the concept of extensive literature and regionalism.

Key words: Antonio Candido; Formação da literatura brasileira; novel.

40. MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*, p. 25.

Referências

- BAPTISTA, Abel de Barros. *O livro agreste*. Campinas: Unicamp, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 5 ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- FISCHER, Luis Augusto. Formação hoje – uma hipótese analítica, alguns pontos cegos e seu vigor. *Literatura e sociedade*, São Paulo, n. 11, p. 164-185, 2009.
- GUIMARÃES, Bernardo. *Quatro romances*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Difusão do Livro, s.d. p. 363-364.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã e teses sobre Feuerbach*. Trad. Álvaro Pina. São Paulo: Moraes, 1984.
- MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. Trad. de Edgar Malagodi et al. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- PEREIRA, Lúcia-Miguel. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.